

Prazo vence e Alfonsín se cala

Buenos Aires — O governo do presidente Raúl Alfonsín guardou ontem hermético silêncio sobre a forma como enfrentará, dentro de 24 horas, o vencimento do empréstimo de resgate que obteve a 30 de março de quatro países latino-americanos, inclusive o Brasil, com o aval dos Estados Unidos, para que chegasse a um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Os chefes da missão do FMI se preparavam para regressar a Washington, depois que o governo argentino divulgou, segunda-feira passada, o texto da carta de intenção enviada ao organismo, dando conta de seu plano econômico, inclusive pontos a respeito dos quais não obteve acordo com os técnicos durante um mês de negociações.

A carta assinada pelo ministro da Fazenda Bernardo Grinspun declarou não negociável a promessa do governo de aumentar o salário real entre 6 e 8 por cento

ao ano e manter o déficit fiscal equivalente a 10 por cento do Produto Nacional Bruto.

O governo apresentou a carta requerida pelo FMI para lhe conceder um empréstimo contingente de 1,1 a 1,4 bilhão de dólares e desbloquear as negociações com o setor bancário privado, tendo em vista o refinanciamento de 21 bilhões de dólares da dívida externa global argentina de 41 bilhões que vencem este ano. Os técnicos do FMI, no entanto, consideram a carta o documento final das negociações a respeito de um programa de ajuste no qual se inclui o plano econômico decidido com pleno acordo de ambas as partes.

Da aprovação da carta de intenção pelo FMI depende, além disso, que os Estados Unidos mantenham a promessa de emprestar à Argentina 300 milhões de dólares para que ela devolva o empréstimo que lhe fizeram, em março, o México, Venezuela, Brasil e Colômbia.